

Beluzzo propõe uma nova política cambial para apoiar exportações

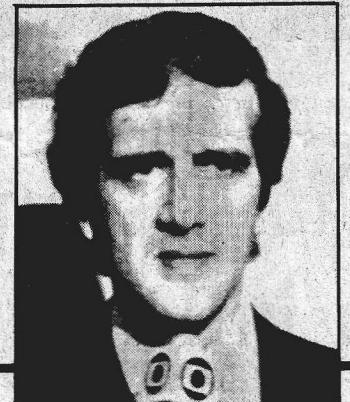
SÃO PAULO — Professor de economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o economista Luiz Gonzaga de Mello Beluzzo, vem-se destacando nesses últimos anos como um dos mais ferrenhos críticos da política econômica adotada pelo Governo, principalmente a partir de 1980 quando a recessão tomou conta do País. Constantemente consultado para diagnosticar as causas da crise e apresentar sugestões indicando como sair dela, Beluzzo tem repetido que a solução das atuais dificuldades passa, necessariamente, pela agricultura e por um ajuste sério nas contas externas.

Um dos responsáveis pela elaboração do programa econômico do PMDB e muito ligado ao Presidente do Partido, Deputado Ulysses Guimarães, Beluzzo entende que o próximo Governo deverá promover algumas mudanças profundas na economia se quiser ter sucesso no combate à inflação que, no caso brasileiro, ele compara a um processo de infecção generalizada que provoca um enfraquecimento total do organismo.

Para falar da atual situação da economia brasileira e das suas propostas para reverter o atual processo inflacionário, Beluzzo concedeu a seguinte entrevista ao GLOBO.

O GLOBO — Por que as teorias monetaristas que recomendam a recessão para reduzir a inflação não deram certo no Brasil?

Beluzzo — Não deram certo por vários motivos. Temos uma política agrícola vulnerável que não resiste a qualquer alteração de clima, sem que a consequência seja uma substancial elevação dos preços. Além disso, tudo é indexado e de forma incorreta. Na verdade, o monetarismo só agravou nossa situação: as taxas de juros subiram, a inflação cresceu, as dificuldades financeiras são enormes. O monetarismo, certamente, não é o único caminho para reduzir a inflação e a maior prova disso são os Estados Unidos. Lá a inflação está em franco processo de declínio e com uma política econômica totalmente oposta à nossa, ou seja, bastante fraca, com déficits



O monetarismo só agravou nossa situação. As taxas de juros subiram, a inflação cresceu e as dificuldades financeiras são enormes

LUIZ GONZAGA BELUZZO,
Professor de Economia da Unicamp

fiscal e comercial enormes.

O GLOBO: Qual seria então o caminho para reverter o processo inflacionário e voltar a crescer?

Beluzzo — Uma das questões que tem obrigatoriamente de ser atacada é o nosso endividamento externo. É um equívoco pensar que nossas contas externas estão equacionadas. Não estão e o próximo Governo terá de renegociá-las em outras bases. Ele terá de elaborar um plano de médio e longo prazo para reescalonar a dívida das estatais. Se isso não for feito, persistirão as pressões, sobre o déficit público e não há como se pensar em queda da inflação. Outro ponto que deve ser revisto é essa necessidade de termos de obter superávits comerciais a qualquer custo para o pagamento dos juros da dívida. Para conseguirmos exportar, estamos tendo que manter os salários arrochados porque, caso contrário, o produto fica pouco competitivo no exterior. Além disso, a obrigatoriedade de superávits nos torna por demais dependentes do exterior.

O GLOBO: Como resolver então essa questão?

Beluzzo — Ela está embutida no equacionamento que o novo Governo der ao endividamento externo. Por exemplo, é viável limitar o pagamento dos juros à parte do volume que conseguirmos exportar. É uma proposta que deve ser analisada.

O GLOBO: A desindexação da eco-

nomia também seria viável para o combate à inflação?

Beluzzo — O problema não é desindexar, mas apenas indexar corretamente. Nos últimos anos vivemos um perverso processo de indexação generalizada. Generalizou-se a pós-fixação e, hoje, o mercado financeiro apostava na inflação de cada mês. O programa econômico do PMDB trata dessa questão e recomenda indexar a economia de forma diferenciada. Uma das sugestões, é desindexar os títulos públicos de curto prazo (91 e 182 dias) com suas taxas sendo negociadas livremente. Outro ponto a ser atacado é a política cambial. A valorização, ao contrário do que se faz tem que descontar a inflação externa e não será mais possível continuar corrigindo o dólar pelo Índice Geral de Preços (IGP), ou seja, ao nível da inflação.

O GLOBO: Outro ponto que o senhor tem destacado como crucial na política de combate à inflação é a agricultura. Qual seria a mudança a ser feita na política agrícola?

Beluzzo — Temos uma agricultura por demais vulnerável. Qualquer alteração de clima provoca elevações nos preços, porque não existem estoques reguladores, porque não é uma política de abastecimento. Veja, por exemplo, o caso do México. O endividamento externo é enorme, o País quase quebrou, foi obrigado a fazer ajustes na economia, mas agora a inflação está caindo. Simplesmente porque o México faz estoques do que é essencial e tem uma razoável política de abastecimento de alimentos básicos.

O GLOBO: Questões específicas como a previdência (Banco Nacional da Habitação) têm sido motivo de transtornos sérios tanto para o Governo como para a população. Há saída?

Beluzzo — A previdência social apresenta hoje um desequilíbrio financeiro sério. O desemprego e a queda real de renda — consequência do achatamento salarial — provocaram uma redução na arrecadação da previdência que, ao mesmo tempo, veio aumentada a demanda por serviços. Penso que o problema poderá ser solucionado de forma gradativa, à medida que se consolidar a recuperação econômica com mais empregos e melhores salários. Quanto ao BNH, penso que para se dar um pouco de equivalência ao sistema o pagamento da prestação terá que se ser limitado a uma fração da renda do mutuário.